

## Resenha

**GONDIM. N. A invenção da Amazônia. 3. ed. Manaus: Ed. Valer, 2019. 340 p.**



Mariana Cunha Bhering

Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Belém, Brasil.

marianacbhering@gmail.com

*Recebido em: 20 de abril de 2023.*

*Aceito em: 12 de maio de 2023.*

A obra *A Invenção da Amazônia*, escrita por Neide Gondim, teve a primeira publicação em 1994 e a segunda em 2007 e a terceira em 2019. A escritora nasceu em Manaus (AM) e graduou-se em letras na Universidade Federal da Amazônia (UFAM). Foi professora e pesquisadora da UFAM. O livro revela os mitos e fabulações que os europeus construíram sobre as Américas. Demonstravam certa obsessão do europeu medieval em definir um Paraíso sobre à terra, descreve a inserção colonialista sobre a região Amazônica, com esforços dos viajantes em registrar sobre o que viam e levar especiarias, ouro, entre outros e posteriormente fornecimento de borracha. Como demonstrado na obra, a chegada dos europeus ocorreu das mais diferentes formas, predominando a forma violenta de saques e ataques às populações amazônicas.

A autora seleciona e analisa relatos dos europeus por meio de narrativas a partir das vivências de peregrinos, comerciantes, missões dos viajantes e de obras literárias que misturam o imaginário europeu com as fantasias. Esses são relatos de pessoas que enfrentaram os mares para chegar ao Brasil – na

maioria financiados pela Coroa portuguesa – para descobrir e explorar as drogas e minérios e outros produtos disponíveis. Os patrocínios para viagens eram incentivados pelas constantes crises alimentares, a incidência de pestes e a escassez de madeira. A autora demonstra na composição da obra com quais imagens a Amazônia foi inventada.

No Capítulo I, *Como a constatação da habilidade do antimundo modifica a ciência e o imaginário europeu*, o franciscano Giovanni de Marignolli não encontra o Paraíso na Terra, mas tem convicção que ele se localizava na terra. Os colonizadores da Espanha e Portugal – precursores da corrida marítima – traziam consigo os elementos de histórias fantasiosas do imaginário medieval juntamente com aspectos de um estado monárquico autoritário. Além disso, as novas terras para o colonizador e missionários serviram para expansão do Evangelho, através da catequização. Segundo a autora, a forma de nomeação em seus relatos seriam, como denomina a autora, um exorcizar: reconhecer um território novo significou para os europeus o questionamento do velho, por isso as resistências psicológicas e culturais.

No Diário de Viagem e na Carta da terceira viagem (1498-1500), Cristóbal Colón emprega formalismo nos relatos, pois, precisava comprovar aos reis Aragão e Castela que sua viagem era um bom empreendimento. Colón procurava as Amazonas, mulheres guerreiras e solitárias, pois, segundo relatos dos nativos, onde estivessem havia ouro.

As cartas de Américo Vespucci – o viajante sem vínculos religiosos e políticos – fornecem dados geográficos, etnográficos e astrológicos. Vespucci utiliza-se da nomenclatura dos próprios nativos quando não conhece algo. Na carta *Mundus Novus* (1503), demonstra o fascínio com o conjunto harmonioso de rios, vales, selvas, fontes, colinas. O resumo das quatro viagens denomina-

se Lettera, sendo que o autor se coloca como um homem dos tempos modernos, entendendo que o nativo não merece ter para uso pessoal a abundância oferecida pelas terras, justificando a colonização europeia ao que denomina como preguiça, em que a população se contenta com o que é proporcionado pela natureza.

No Capítulo II, *Como o mar de águas doces e suas dilatadas províncias são percorridos pelo imaginário dos cronistas viajantes*, o dominicano frei Gaspar de Carvajal, em 1541-42, realiza uma expedição às ordens de Francisco Orellana, governador da cidade de Santiago de Guayaquil. Orellana ataca uma povoação e toma posse das terras em nome da Coroa espanhola, denominando-as como reino de Apária e perguntando sobre as mulheres Amazonas. Na região do rio Grande Madeira, saqueiam alimentos – como milho, aveia, pão e o vinho que parece cerveja. O trecho também descreve as mulheres Amazonas, que também guerreavam. La Condamine, viajante, que também teve grande empenho em colher relatos sobre as Amazonas, em que também descreveu como “as mulheres solitárias sem maridos”.

O jesuíta Alonso Rojas (1637) elege o rio Amazonas como um rio cristão, que seria criado por Deus. Sua narrativa reforça a ideia de que os índios não seriam merecedores das bênçãos de Deus, enfatiza a densidade populacional, a diversidade linguística e a alimentação farta. Cristóval Acuña definiu como o Paraíso na Terra ao relatar a grandiosidade do rio Amazonas, mas também a visão do inferno devido à ação dos mosquitos. O cronista descreve que a população de modo geral seria, em sua visão, dóceis, crédulos, submissos e obedientes, porém, os Tupinambás seriam mais inteligentes por não necessitarem de intérpretes.

La Condamine percorreu o rio Amazonas. Utiliza a teoria do clima como evidência para justificar a diversidade cultural das nações ameríndias, em que o homem americano estaria na infância do mundo.

No Capítulo III, *De como a Amazônia é revisitada pelos ficcionistas europeus*, trata da obra de Jules Verne, publicada em 1881. São citados diversos viajantes, como Louis Agassiz, Alexandre von Humboldt, Francisco de Orellana, La Condamine, Pedro Teixeira e outros. Mostra as narrativas de europeus que se aventuraram na região para escrever em jornais londrinos, como Malone – que era repórter – e descreveu sua experiência pessoal, Summerlee, botânico, que pouco falava de suas experiências pessoais. Sobre a população na região da Amazônia: os nativos usavam a borracha para confecção de bolsas, sapatos etc. Algumas pessoas veem o potencial da borracha, como padre Anselmo, que dizia ser tão valiosa quanto o ouro. Esse contexto é registrado na obra *À margem da história*, escrita por Euclides da Cunha e publicada em 1909, que aborda a migração dos nordestinos para a Amazônia durante o período da borracha. Gondin demonstra que Euclides da Cunha era crítico ao colono português, porém, se utilizava dos mesmos termos.

No Capítulo IV, *Em que o trabalho chega ao fim*, revela as contradições da visão dos viajantes sobre a Amazônia infernal e paradisíaca, revela as contradições da visão dos viajantes, como, por exemplo, a abordagem sobre a preguiça como um elemento que consta em alguns relatos, como do padre Anselmo Pfungst, sendo desmentido com a habilidade manual e o trabalho realizado pelos índios.

A autora demonstra, pelos trechos escolhidos das narrativas e obras literárias, a preocupação exagerada dos europeus em descobrir e definir o Paraíso na Terra. Esses descrevem a natureza das Américas como local próspero de águas, florestas com frutas e plantas diversas, uma fartura que compõe o imaginário de um local celestial. Enquanto sobressai esse encanto pela natureza, existe também, nos relatos, uma

repulsa à compreensão dos povos indígenas. Suas capacidades são subestimadas e, por vezes, comparam-se as etnias, colocando uma como superior a outras por essas conseguirem se comunicar com os estrangeiros sem necessidade de tradutores – em um dos relatos, isso aparece como uma característica de etnia mais inteligente. Muitas observações enfatizam a população local como preguiçosa, além dos viajantes comumente definirem os nativos como desorganizadores da ordem social instalada pelo branco. O espanto entre os estrangeiros e os povos tradicionais foi mútuo, marcou o encontro entre culturas e civilizações distintas e o extermínio quase total do nativo pelas armas, doenças e escravidão.

Portanto, o livro é fundamental para compreensão das Américas, em especial a Amazônia, por meio da historiografia e literatura europeia, apresentando o ponto de vista do colonizador. Em contraponto a dimensão do imaginário mítico sobre a Amazônia, os autores Nascimento e Simões (2016) em *Traços e Laços da Amazônia*, apresentando diversas visões sobre a Amazônia, por meio da cartografia literária e cultural. O livro tem como referência a obra de Gondin, pois, parte da reflexão ponto de vista do colonizador e propõe outras visões sobre a Amazônia. O livro é esclarecedor para qualquer pesquisador sobre Amazônia, estudantes ou leigos, pois, constrói uma linha de raciocínio crítico ao integrar um material rico para entender como foi feita a construção do imaginário da Amazônia pelos europeus, desse modo, tem uma grande contribuição para todas as áreas, em especial para as áreas da história e antropologia.

## Resenha

A invenção da Amazônia.

Mariana Cunha Bhering

## Referências

NASCIMENTO, Luciana Marino do; SIMÕES, | Maria do Socorro Galvão (org.) **Traços e Laços da Amazônia**. Rio de Janeiro: Letra Capital; 1ª edição, 2016.